

05/04/2015 11:23:24

## **A História do Brasil (e da Holanda) agora passa pelo rio Manguaba e pelo fortim da Ilha do Guedes em Porto Calvo**

Arqueólogo da Universidade Federal de Pernambuco, Marcos Albuquerque, fala sobre a jornada por trilhas percorridas por espanhóis, portugueses e holandeses durante a ocupação holandesa

### **Jorge Barboza**

O município de Porto Calvo, distante 96 km ao Norte de Maceió, parece viver os primeiros dias de um passado reclamado, finalmente emergindo das profundezas da histórica cidade – literalmente, vindo de baixo da terra. É que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (o Iphan) iniciou ali, há mais de dois anos, uma pesquisa arqueológica sobre os resquícios da ocupação holandesa na região entre os anos de 1630 e 1654, e encontrou um “fortim em terra”, coberto pela vegetação e cobrindo uma área de 473 m<sup>2</sup>. A operação, chamada “Projeto Manguaba”, seguiu o curso do rio Manguaba até Porto de Pedras no litoral, percorrendo trilhas usadas por soldados e oficiais naqueles anos de guerra, em busca dos vestígios da movimentação que se fazia ali nesse período – de navios carregados de açúcar ou de armas, dos acampamentos militares e, por fim, do forte que afinal foi descoberto na Ilha do Guedes, muito próxima à cidade, do outro lado do rio.

Fotos/ M. Silva/ Prefeitura de Porto Calvo



O arqueólogo Marcos Albuquerque aponta para o sítio arqueológico recém-descoberto

O coordenador dessas incursões mata adentro, rio acima, foi o arqueólogo responsável pelo Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, Marcos Albuquerque. Ele se dedica à arqueologia militar desde 1965. Afirmar que os rios “sempre foram importantes para a fixação de grupos humanos desde os períodos pré-históricos”. “O rio Manguaba, juntamente com outros rios”, diz Albuquerque, “foram de suma importância para o período colonial, tanto português como holandês em Alagoas.”



O fortim cobre uma área de 473 m<sup>2</sup> na Ilha do Guedes, onde ancoravam navios portugueses, espanhóis e holandeses

O local do forte, uma pequena ilha no meio do rio, defronte à antiquíssima rua do Varadouro – por onde foram dependurados, num dia do ano de 1635, as partes esquartejadas do herói ou traidor Calabar –, chamado pelos arqueólogos de Reduto da Ilha do Guedes. O Iphan afirma a intenção de “conseguir recursos via governo federal” para restaurar o fortim e criar um espaço de visitação. A história de Porto Calvo recente, levando em conta esse período de 50 anos do trabalho arqueológico de Marcos Albuquerque por todo o Nordeste, demonstra a mais completa indiferença em relação ao valor histórico (e conseqüentemente cultural, turístico) do município, por parte dos refeitos e cidadãos ao longo dessas cinco décadas. Exceção feita a Adelmo Monteiro. “Essa revelação é um marco na história de Porto Calvo”, dizia esse intrépido colecionador de relíquias da história portocalvense, no sábado 28 de março, quando o superintendente do Iphan, o arquiteto Mário Aloísio, o professor Albuquerque e outros pesquisadores estiveram no Reduto da Ilha do Guedes, para uma visita oficial, anunciando inclusive a convocação do Exército para proteger o sítio arqueológico.

Nesta semana que passou, o **Alagoas Boreal** conversou com Marcos Albuquerque, em entrevista por e-mail. Acompanhe.

**De quando vem o interesse do senhor pelo período ibérico-holandês no norte de Alagoas? Pode-se dizer que esse é um interesse antigo do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, mas há, também, o Arqueolog Pesquisas – qual o papel de cada uma dessas instituições?**

**MARCOS ALBUQUERQUE** – O nosso interesse pelo tema começou há 50 anos, quando criamos o Laboratório de Arqueologia da UFPE. Nesta época, não se falava em arqueologia histórica, apenas pré-histórica. Fomos um dos pioneiros no Brasil desta modalidade de arqueologia. O período colonial do Brasil, tanto português como holandês, constitui-se em um assunto que nos interessa desde cedo. Já escavamos a primeira feitoria portuguesa, no Nordeste do Brasil, que data de 1516; a primeira igreja jesuítica; o forte Orange; o forte Real do Bom Jesus; a muralha que cercava o Recife; a primeira sinagoga das Américas, a Kahal Zur Israel, que é do período de Nassau; o forte de Óbidos na Amazônia; o forte de São José de Macapá e tantos outros.

O Laboratório de Arqueologia da UFPE é um laboratório da universidade e eu sou o fundador e coordenador. A guarda legal do material arqueológico resgatado nas pesquisas tem no laboratório a guarda legal. A Arqueolog Pesquisas é uma empresa executora de pesquisas arqueológicas para licenciamento ambiental ou também pesquisa pura. O material arqueológico encontrado nas pesquisas realizadas nesta empresa tem a sua guarda legal, também, no Laboratório de Arqueologia da UFPE.

O Iphan, através de um TAC (Termo de Ajuste de Conduta), resolveu realizar um levantamento na área da bacia do Manguaba. A empresa responsável pelo TAC nos contactou para realizar a pesquisa.



Albuquerque (com Aloísio): 'Importante para o Brasil e Holanda'

**Foram a Porto Calvo em busca desse forte, quer dizer, existiam mapas antigos dos cartógrafos holandeses especificamente sobre esse fortim?**

**ALBUQUERQUE** – O projeto de pesquisa compreendia uma área desde a foz do Manguaba até Porto Calvo. Procuramos resgatar todas as informações possíveis com uma estratégia arqueológica.

**Esses mapas antigos foram sobrepostos sobre os mapas do Google e sobre mapas do IBGE e então, em relação a esse forte encontrado na Ilha do Guedes em Porto Calvo, vocês já tinham em mãos algo como “o mapa da mina”?**

**ALBUQUERQUE** – Embora tenhamos trabalhado com muita cartografia holandesa não tínhamos nenhuma que se referisse ao forte da Ilha do Guedes. Foi utilizada uma estratégia arqueológica de pesquisa que incluiu geoarqueologia, georeferenciamento e, sobretudo, muita caminhada

**Bem, sobre o forte do Bom Sucesso (ou Boaventura) que fora erguido na colina onde hoje se encontra o hospital municipal de Porto Calvo, há muitos relatos e descrições que encontramos facilmente no Google, com depoimentos de oficiais e do próprio Nassau. E sobre esse forte na Ilha do Guedes, há documentos? Ele tem estrutura de torres, paliçada, pátio de armas, fosso, como nas descrições do forte do Bom Sucesso?**

**ALBUQUERQUE** – Quando da localização do fortim na Ilha do Guedes, não tínhamos nenhuma informação sobre a sua existência, apenas houve muito caminhamento e intuição baseada na experiência de 50 anos. Nós trabalhamos com a nossa equipe dividida em Unidades Operacionais. Cada Unidade de Campo tem uma gerência. No caso do Projeto Manguaba, a nossa gerencia foi de Doris Walmsley sob a nossa coordenação, minha e de Veleida Lucena.

O que foi encontrado na Ilha do Guedes poderia ser um reduto ou um fortim. É algo bem menor do que o forte Mauricio [em Penedo], por exemplo. Tinha baluartes, parapeiro, fosso e praça de armas.



Arqueólogos Doris Walmsley e Marcos Vasconcelos e superintendente do Iphan, Mário Aloísio Barreto Melo, cruzam o rio

**Por que fortificações assim não estão lá no meio da cidade, como uma lembrança do passado? O que as destruíram? A guerra, o fogo, a raiva?**

**ALBUQUERQUE** – No caso do forte Maurício, em Penedo, a cidade foi construída sobre a área em que existiu o forte. O Iphan tem interesse em uma pesquisa que revele sua posição exata.

**O senhor diz que a fortificação na Ilha do Guedes está bem conservada. Está embaixo da terra? Como sabe disso se não escavou ainda?**

**ALBUQUERQUE** – Como não houve construção sobre a mesma, ainda pode ser visto o que restou como o fosso (entulhado) os baluartes e a cortina (a área que liga os baluartes).

**Serão feitas escavações e depois restaurações e por último será criado um parque? Que importância histórica e, do ponto de vista econômico e cultural, que benefícios a descoberta traz à cidade de Porto Calvo?**

**ALBUQUERQUE** – O Iphan tem interesse em preservar o monumento. Caso ele venha a ser estudado arqueologicamente e que haja algo em torno do mesmo não apenas será importante para Porto Calvo, mas também para o Brasil e Holanda.

**Que outros fortes em terra existem no Brasil?**

**ALBUQUERQUE** – Existem poucos forte de terra conservados no Brasil. Muito semelhante ao da Ilha do Guedes temos o Arraial Novo do Bom Jesus, em Recife

**Quantas visitas fizeram ao local e que outros resquícios arqueológicos foram encontrados? Quais foram as dificuldades?**

**ALBUQUERQUE** – Toda a região foi palmilhada e avaliada cada questão até a localização do forte, o mesmo ocorrendo com os locais dos engenhos, igrejas, caminhos etc. Não contamos quantas vezes fomos lá, mas muitas, com certeza.

**Quando voltará a Porto Calvo?**

**ALBUQUERQUE** – O mais breve possível.

---

Disponível em:

<http://alagoasboreal.com.br/editoria/1848/patrimonios/a-historia-do-brasil-%28e-da-holanda%29-agora-passa-pelo-rio-manguaba-e-pelo-fortim-da-ilha-do-guedes-em-porto-calvo>